

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Ricardo Nunes de Carvalho

OUVIDOS DA SEGURANÇA PÚBLICA:  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “CASO DE POLÍCIA”  
DA RÁDIO UIRAPURU

Passo Fundo

2015

Ricardo Nunes de Carvalho

OUVIDOS DA SEGURANÇA PÚBLICA:  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “CASO DE POLÍCIA”  
DA RÁDIO UIRAPURU

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do prof. Mateus Mecca Rodighero.

Passo Fundo

2015

Agradeço a meus pais, sem os quais eu jamais teria chegado até aqui. Aos meus amigos que, ao longo da faculdade, me mostraram que a amizade verdadeira vem acompanhada de um *troll*, e também a muitas outras pessoas especiais que em muito ajudaram até a conclusão desta etapa, seja me ouvindo, me dando um puxão de orelha, aguentando meus surtos e até mesmo comendo *cupcake* na praça. E claro, ao meu orientador Mateus Mecca Rodighero pelo suporte dado neste trabalho.

*No fundo a imprensa sensacional trabalha com as emoções, da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo.(Marcondes Filho).*

## RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar se o programa “Caso de Polícia” faz uso do sensacionalismo ou espetacularização da notícia e, através dele, dissemina o discurso de ódio. Para a pesquisa, houve um resgate histórico sobre o radiojornalismo, a editoria policial e também da Rádio Uirapuru, emissora à qual transmite o programa analisado. Também buscou-se uma contextualização e conceituação a respeito do sensacionalismo, espetacularização da notícia e discurso de ódio.

Palavras-chave: Sensacionalismo. Espetacularização. Liberdade de expressão. Discurso de ódio.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Modelo de tabela usada como base da análise.....	29
Tabela 2 - Tabela com os dados do programa do dia 04 de outubro de 2015.....	33
Tabela 3 - Tabela com os dados do programa do dia 11 de outubro de 2015.....	38
Tabela 4 - Tabela com os dados do programa do dia 18 de outubro de 2015.....	42
Tabela 5 - Tabela com os dados do programa do dia 25 de outubro de 2015.....	45
Tabela 6 - Tabela com dados dos quatro programas analisados.....	49

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. RADIOJORNALISMO, JORNALISMO POLICIAL E A RÁDIO</b>	
<b>UIRAPURU.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Radiojornalismo.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Jornalismo Policial.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 Rádio Uirapuru.....</b>	<b>16</b>
<b>2. SENSACIONALISMO, ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA E</b>	
<b>O DISCURSO DE ÓDIO.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Sensacionalismo.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Espetacularização da Notícia.....</b>	<b>24</b>
<b>2.3 Discurso de Ódio.....</b>	<b>26</b>
<b>3. METODOLOGIA E ANÁLISE.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Metodologia.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Descrição e análise.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2.1 Programa Caso de Polícia do dia 4 de outubro de 2015.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2.2 Programa Caso de Polícia do dia 11 de outubro de 2015.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2.3 Programa Caso de Polícia do dia 18 de outubro de 2015.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2.4 Programa Caso de Polícia do dia 25 de outubro de 2015.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.5 Análise.....</b>	<b>46</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

A editoria policial, seja ela no jornal impresso, no rádio ou na televisão, carrega consigo o estigma do sensacionalismo. Ao longo da história do jornalismo, diversos programas do gênero o utilizaram, na esperança de atrair público, transformando editoria policial em sinônimo de sensacionalismo. De fato, muitos programas policiais utilizam dos artifícios da “sensacionalização” de casos que, diversas vezes, carregam forte apelo popular, principalmente em classes mais baixas.

Com a narrativa coloquial, por vezes exagerada, e diversos outros artifícios, estes programas transportam a audiência para o fato, estabelecendo uma conexão emotiva com o seu público, transmitindo a emoção, a euforia, a raiva, ou qualquer outro sentimento relacionado. Não há um meio termo, ou é “cidadão de bem” ou é “marginal”, o sensacionalismo não admite moderação. Ao humanizar relatos, faz com que a pessoa que consome aquele conteúdo noticioso reviva o acontecimento como se ela própria fosse autora do que está sendo narrado.

Ao se perceber a forte conexão e, porque não dizer, influência que estes programas tem sobre seu público, é preciso refletir sobre como afirmações calcadas no ódio e insatisfação, como por exemplo “bandido bom é bandido morto” – ouvidas com frequência em programas do gênero – impactam a audiência. Estes discursos, segundo Botelho (2012, p. 294), podem ser caracterizados como discurso de ódio, que nada mais é que a “expressão de palavras que visam insultar, intimidar ou assediar pessoas em razão de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, possuindo, ainda, a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra certos grupos”.

Em um primeiro momento, esta pesquisa, que busca analisar se o programa “Caso de Polícia” faz uso do sensacionalismo ou espetacularização da notícia e através dele dissemina o discurso de ódio, é importante porque incita esta discussão sobre um veículo local, em um campo pouco analisado cientificamente e que, posteriormente, poderá ser novamente objeto de estudo.

O conteúdo se dividirá em três capítulos. O primeiro contextualizará o radiojornalismo, a editoria policial e a Rádio Uirapuru. O segundo decorrerá a respeito do sensacionalismo, espetacularização da notícia e discurso de ódio, também os contextualizando, e apresentando conceitos que, com base em autores, os caracterizaram. Ao



final, no último capítulo, serão tratadas a metodologia utilizada na pesquisa, bem como a análise feita sobre as edições do policialesco.

Análise esta que utilizará das quatro edições do programa no mês de outubro, sobre as quais serão aplicados os conhecimentos a respeito de sensacionalismo, espetacularização da notícia e disseminação do ódio, com base em diversos autores, para, ao final, definir se, de fato, há a utilização destes artifícios e se, através dele, há a veiculação de ideias que caracterizariam o discurso de ódio.

É notável que, atualmente, são comuns notícias sobre linchamentos, pessoas tentando fazer justiça com as próprias mãos, e pessoas que causam polêmica por expressarem opiniões carregadas de ódio. Elucidar o objeto de pesquisa deste estudo seria o ponto de partida para, em futuros estudos, entender melhor a influência que este discurso, recebido de maneira tão próxima, causa na população, e analisar se estes exemplos, talvez, não sejam consequência do impacto causado pelo discurso de ódio veiculado para a grande massa.

## 1. RADIOJORNALISMO, JORNALISMO POLICIAL E RÁDIO UIRAPURU

Este capítulo tem por objetivo traçar um breve histórico do radiojornalismo, partindo de sua origem, praticamente junto da radiodifusão, sua chegada ao Brasil, e sua evolução até chegar aos moldes hoje existentes. Da mesma forma, também será mostrada a história do jornalismo policial, e, ao final, será apresentado o histórico da Rádio Uirapuru e o programa “Caso de Polícia”, objeto de estudo desta pesquisa.

### 1.1 Radiojornalismo

A primeira transmissão radiofônica comprovada ocorreu em 1906, quando os cientistas Reginald Fessenden e Ernest Alexanderson transmitiram discursos, sons de violino e espetáculos de canto, demonstrando que o rádio poderia ser útil além da comunicação ponto-a-ponto. Entretanto, somente dez anos depois, em 1916, é que o rádio foi constituído como meio de comunicação, quando David Sarnof, que trabalhava na Marconi Company, prevê esta configuração (LOPEZ, 2012, p. 24).

Em 1920 surge nos Estados Unidos a KDKA, primeira emissora de rádio oficialmente constituída, tornando-se um marco na radiodifusão norte-americana. Aos poucos, com as mudanças na programação, o modelo adotado foi tomando formas que lembram as rádios atuais, com programas religiosos, políticos, esportivos e teatrais (SOUSA, 2004, p.51). É possível ver o radiojornalismo dando seus primeiros passos, junto ao rádio.

No Brasil o surgimento se deu de forma tímida, quando, em 1919, foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco, porém a inauguração oficial da radiodifusão brasileira ocorreu apenas em 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência, transmitindo o discurso do presidente da República Epitácio Pessoa. Em 20 de abril de 1923 é inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, marcando a instalação efetiva e definitiva da radiodifusão no Brasil (ORTRIWANO, 2002, p. 67-68), e participando de todos os movimentos da vida brasileira.

O primeiro jornal do rádio brasileiro, *Jornal da Manhã*, foi criado e apresentado por Edgar Roquette-Pinto, considerado pai da radiodifusão no Brasil.

O *Jornal da Manhã* não era um simples noticioso, nem um modesto relato dos acontecimentos. Era o fato comentado, esmiuçado e interpretado com a autoridade do sábio. *Jornal da Manhã*, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi iniciativa jamais igualada. Por meio dele, o comentarista apreciava os acontecimentos nos noticiários dos jornais, lendo-lhes as manchetes e oferecendo um panorama inigualável de concisão, de realidade e de objetividade, como somente ele poderia fazê-lo (LOPES, 1970, p. 41).

Como no início a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro não apresentava uma programação regular, o mesmo ocorria com o radiojornal. Somente em 1925 a programação passa a se firmar, começando pela manhã com o *Jornal da Manhã*. Além dele, havia mais três noticiosos, ao meio-dia, tarde e noite (ORTRIWANO, 2002, p. 69). Outros jornais foram surgindo no rádio brasileiro, porém se detinham em ler as notícias dos jornais impressos, sem qualquer tipo de elaboração.

Durante a época de ouro do rádio, na década de 40, surge *O Repórter Esso*, considerado um marco editorial no jornalismo radiofônico brasileiro. O programa surgiu como uma nova forma de se fazer jornalismo no rádio, apresentando textos objetivos, adequados ao suporte, informações atualizadas e, pela primeira vez, um programa radiofônico ia ao ar em horários exatos com duração fixa – cinco minutos (KLÖCKNER, 2005). Em pouco tempo o programa se consolidou como a principal síntese noticiosa do rádio brasileiro, de forma mais acentuada durante a Segunda Guerra Mundial.

*O Repórter Esso* começou uma revolução na imprensa brasileira criando uma referência de padrão jornalístico seguido até os dias de hoje no rádio. As cinco edições diárias proporcionavam uma periodicidade ao noticiário jamais vista em qualquer outro programa radiofônico nacional, criando na população o hábito de escutá-lo nos horários determinados (CARVALHO, 2007, p. 3).

Com o surgimento da televisão, a partir dos anos 50, o rádio passou por um longo processo de reestruturação, buscando sua sobrevivência. Perdendo diversos profissionais e verbas publicitárias, programas adequados às características de meio de comunicação foram deixados de lado, dando lugar à reprodução de músicas. Os poucos noticiosos que restaram se fixaram no período matutino (ORTRIWANO, 2002, p. 75-77), tornando-o o horário nobre do rádio.

Na década de 60 o jornalismo no rádio brasileiro passou a ser regulamentado pelo Código Brasileiro de Telecomunicações. A partir dele, as rádios de todo o território nacional

deveriam apresentar no mínimo 5% de programação jornalística diariamente (SAES NETO, 2013, p. 4). Com isso, o radiojornalismo foi ganhando mais espaço e se tornando presente em todas as rádios, mesmo que de forma singela.

Em meados dos anos 60 e 70 foi possível observar um fenômeno que já se manifestava em outros lugares, como nos EUA: a especialização das emissoras e a segmentação de públicos. Como a televisão tomou o lugar do rádio como distribuidor geral de entretenimento, as emissoras descobriram que, em conjunto, poderiam atrair fragmentos do público que detinham anteriormente (ORTRIWANO, 2002, p. 77). Dentre os diversos segmentos que surgiram nesta época, encontram-se as rádios *all news*, formato que apresenta apenas notícias em sua programação.

Gêneros e formatos diferenciados foram sendo experimentados. Entre as várias especializações, no jornalismo surgiram as rádios *all news*, que apresentam apenas notícias, e as *talk & news*, em que o espectro de formatos jornalísticos é mais amplo englobando notícias, entrevistas, comentários etc. Na prática, os modelos teóricos não se apresentam em suas formas puras, mesclando-se em diferentes composições: *news*, *talk*, *all news*, *all talk* e outras mais que possam resultar da criatividade do jeitinho brasileiro (ORTRIWANO, 2002, p. 77).

Também nesta época, começa a se formar consenso quanto a importância do rádio no jornalismo local. “A televisão formava cadeias nacionais e comandava a cobertura dos grandes acontecimentos, enquanto o rádio delimitava sua influência na cidade ou na região, dirigindo-se à comunidade” (DEL BIANCO, 2008, p.4), conquistando espaço graças ao interesse coletivo.

Em tempos mais recentes, na década de 90, o radiojornalismo passou por mais mudanças, causadas pela substituição dos meios técnicos analógicos pelos digitais. O uso de aparelhos celulares por jornalistas possibilitou a transmissão das notícias diretamente do local do acontecimento, algo que, até então, não poderia ser feito com a mesma instantaneidade. Entrevistas e participações ao vivo poderiam ser feitas de qualquer lugar, conquistando uma mobilidade muito superior à obtida por telefones sem fio, utilizados nas unidades móveis (DEL BIANCO, 2008, p.6). Com isso, o conceito de velocidade e instantaneidade na divulgação de informações começou a sofrer modificações.

Tornou o jornalismo de rádio diário “mais quente” em relação aos demais. A cultura do “ao vivo”, presente na era analógica, agora foi reforçada. Trouxe o caráter de antecipação da informação rivalizando com a cobertura do jornal e da TV. Por outro lado, fortaleceu o formato de radiojornalismo calcado nos gêneros notícia, reportagem e entrevista (DEL BIANCO, 2008, p.6).

Nos anos seguintes, com o surgimento e popularização da internet, aliado a novas tecnologias que ajudam, tanto na forma de obter, quanto de transmitir a notícia, o radiojornalismo passa novamente por mudanças. “Os jornalistas abandonaram a posição passiva de ficarem à espera de despachos e informes de agências de notícias e *releases* para assumirem a postura “ativa” na recolha de assuntos, porém dentro do ambiente online” (DEL BIANCO, 2008, p.8). A internet se tornou referência ao se avaliar a importância, o interesse e a atualidade dos acontecimentos.

O valor de atualidade passou a corresponder ao tempo real, ou seja, o processamento da informação se dá num ambiente onde não há diferenciação do tempo. O reflexo disso é o aumento do índice de atualidade na redação. Em consequência, as fronteiras dos *deadlines* tornaram-se mais elásticas. Houve um encurtamento do ciclo da informação no radiojornalismo que na era analógica já era considerado elevado e agora ganha maior aceleração. O ritmo da informação com o tempo real muda a lógica do tempo informativo no rádio para entrar numa era de quase “imediatez absoluta”, uma vez que os ciclos estão cada vez mais curtos. As decisões sobre o que entra ou não no noticiário da emissora são tomadas cada vez mais em tempo real (DEL BIANCO, 2008, p.8).

É interessante notar que, nesse processo, houve a apropriação de valores típicos da internet na produção do jornalismo radiofônico.

Entre eles, a cooperação entre usuários, comunicação horizontal, sem hierarquias, entre os integrantes da rede local; interatividade e informalidade nas relações entre membros da rede (chefes, editores, redatores e repórteres); livre fluxo de informação produzida dentro da redação; participação e intervenção dos integrantes da rede no conteúdo; acessibilidade a conteúdo próprio e de outros em tempo real; personalização do acesso ao conteúdo; e interatividade entre membros da redação como também entre eles e a audiência seja via e-mail ou site da emissora (DEL BIANCO, 2008, p.9).

Com estas mudanças, espera-se que um radiojornalismo cada vez mais factual, buscando rivalizar com a internet, mesmo que, como é visto, se aproprie dela para construir uma parte significativa do seu noticiário (DEL BIANCO, 2008, p.9).

Esta renovação constante pela qual o jornalismo – não apenas o radiofônico – passa, está ligada as necessidades do público. Com isto, o processo de criação e veiculação da notícia se adequa à época e ao que o público precisa, quase que como um espelho dos flagelos e anseios da sociedade que o pauta. Exemplo disso é o aumento da criminalidade no Brasil, ainda em meados do século XX, que inaugurou a editoria policial nos jornais brasileiros.

## **1.2 Jornalismo Policial**

O jornalismo, de uma forma simples, consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações. Segundo Traquina (2005), citado por Rolim (2011, p.11), jornalismo é a vida dividida em seções. Está dividido em editorias como política, polícia, esporte, entre outras. O jornalismo policial, assunto deste subcapítulo, é a especialização em fatos criminais, judiciais, de segurança pública e em investigações policiais.

As primeiras coberturas do gênero datam da metade do século XIX, em jornais dos Estados Unidos e Inglaterra (ROLIM, 2011, p.11). No Brasil, surgiu em 1917, quando o desemprego de negros assolava o Rio de Janeiro, criando uma onda de vacância de meninos de rua. Os jornalistas do *Jornal do Commercio* e *Jornal do Brasil* deixaram de lado a versão dada pelos acusados dos crimes, guiando seu trabalho na versão da polícia carioca (MELÉM, 2011, p. 30). Assim, em meio a um racismo escancarado, surge a reportagem policial em nosso país.

O gênero se difundiu gradativamente, devido a fatores como o aumento da violência, mas apenas na década de 70 é que chegou ao seu período áureo, conquistando credibilidade principalmente por dois motivos: “a matéria publicada na *Revista Veja* – sobre a morte de Claudia Lessin Rodrigues – que ganhou o prêmio *Esso*; e a abolição do AI-5, que permitiu que matérias policiais ganhassem um tom mais crítico” (MELÉM, 2011, p. 31).

No rádio, o jornalismo policial está presente desde o começo, ganhando mais espaço com o decorrer dos tempos, e chama a atenção não só pelo tipo de notícias que veicula, mas também pela audiência que consegue atrair. Na década de 60, notícias policiaescas eram transmitidas normalmente por emissoras que não tinham um caráter popular. Fatos como assaltos, roubos e crimes eram noticiados em uma única seção, ganhando um tratamento

especial para evitar a distorção e o exagero na veiculação dos fatos (PACHECO, 2005, p. 13), buscando evitar o sensacionalismo ao retratar a violência presente na sociedade da época.

Já nas emissoras com apelo mais populares, a abordagem de notícias policiais ganhava mais enfoque, tendo, inclusive, ares teatrais. Logo, programas voltados para este tipo de notícia se destacavam na programação.

A expressividade do jornalismo policial foi tomando proporções crescentes, destacando-se como de maior audiência no rádio e na penetração das classes sociais de baixa renda. Isso, por ser um veículo de fácil acesso, barato e que pode ser ouvido em qualquer local. Além disso, somente o rádio tem a vantagem de difundir a informação localizada e que está próxima do acontecimento (PACHECO, 2005, p. 13).

No início da década de 70, segundo Araújo (2003), os programas policiais assumiram características de “produtos”, atribuindo “ao tema da violência um sentido de bem mercantil enquanto elemento primordial na estratégia de sedução do público visando à multiplicação da audiência e, conseqüentemente, a valorização do espaço comercial e o aumento do faturamento da emissora”. Isto se deve ao fato de que os programas do gênero são, na maior parte das vezes, os de melhor audiência e que atraem com mais veemência a atenção do público.

Hoje, programas com enfoque policial estão presentes nas mais diversas rádios, indo desde a transmissão de boletins de ocorrências, até programas de reportagens, tendo em comum o fato de despertar sentidos nos ouvintes “como estratégia de comunicação e, mais que isso, como forma de consolidar hábitos, através do estímulo ao consumo de produtos e de bens simbólicos, o que é extremamente facilitado pelas características da linguagem radiofônica” (ARAÚJO, 2003, p. 29).

Os comunicadores mais bem sucedidos nessa tarefa foram aqueles que, compreendendo a importância e trabalhando bem a linguagem simbólica, conseguiram mais facilmente agregar valores sógnicos em si próprios e, conseqüentemente, em sua comunicação enquanto personagens principais da ação no programa, apreendendo e incorporando uma série de elementos simbólicos despertadores de sentido no público, que levavam o ouvinte a se identificar e/ou se reconhecer (ARAÚJO, 2003, p. 30).

Por conta disso, é possível indicar o jornalismo policial “como de sensações porque muitas vezes explora a construção narrativa de representações de crimes violentos e mortes suspeitas” (ROLIM, 2011, p. 11), por vezes, ganhando ares de um produto de mau gosto, já que as tragédias e sensações passaram a ser responsáveis diretas pelo sucesso destes programas.

Uma das razões para os noticiários criminais ganharem cada vez mais espaço, segundo Fuccia (2008) (apud ROLIM, 2011, p.13), é o grande interesse no assunto, que representa uma grande parte da audiência dos veículos. Porém, ressalta o autor, o número de veículos que mantém programas específicos do gênero só não é maior, pois, em tese, deve ser realizado por profissionais especializados na área policial, tendo assim, condições de tomar decisões técnicas, como a definição do formato e formatação de conteúdo.

Num primeiro momento pressupõe-se que qualquer crime, roubo ou outro fato envolvendo a polícia sejam pautas para programas deste gênero, já que envolvem violência, mas, de acordo com Rolim (2011, p.12), “o que as define como pauta é imaginar que a violência não faz parte *do status quo* social, e notar os valores-notícias relacionados a ela”, sendo alguns deles:

Ineditismo (acontecimento inédito); improbabilidade (notícia inesperada); interesse (quanto mais pessoas serão envolvidas pelo assunto); apelo (quanto mais curiosidade despertar no telespectador); empatia (maior identificação com as questões abordadas) e proximidade (social ou geográfica) (WOLF, 1999 apud ROLIM, 2011, p. 12).

### 1.3 Rádio Uirapuru

Fundada em 26 de novembro de 1981, a Rádio Uirapuru AM já nasceu com a programação planejada e orientada a partir de pesquisas de opinião pública realizadas em Passo Fundo – RS. Segundo a emissora, “a pesquisa identificou as aspirações e as necessidades dos passo-fundenses e proporcionou a formatação da nova rádio” (RÁDIO UIRAPURU, 2015).

É considerada “popular”, com a programação voltada ao público mais humilde e leigo (CERVIERI, 2013, p. 38). Em seu site, a Rádio Uirapuru afirma representar “a comunidade passo-fundense, consolidando diariamente o propósito de interagir em prol da população sob a



retaguarda de seus princípios de isenção, credibilidade, cidadania e ética” (RÁDIO UIRAPURU, 2015). Também conta com uma equipe de jornalistas, repórteres e apresentadores que, assim como a própria emissora, possuem grande empatia com todas as comunidades de região norte do RS.

Desde 1999 a revista *Amanhã e Segmento/Pesquisa de Porto Alegre*, “indicam a Rádio Uirapuru como “Top Of Mind” do Rio Grande do Sul, se equiparando as grandes emissoras da capital quando o assunto é lembrança de emissora de Rádio no Rio Grande do Sul” (RÁDIO UIRAPURU, 2015).

Desde 2013 a emissora transmite também em FM e, seguindo as tendências tecnológicas, está acessível pela internet e celular. Desta forma, expande sua presença, levando sua programação para ouvintes de todo o mundo.

A reportagem policial se tornou sinônimo da Rádio Uirapuru. A cobertura ao vivo de fatos é prioridade, “tanto que investe em dois radialistas para tal função, além de um terceiro funcionário que, se for necessário, se desloca até o local para dar suporte aos outros dois profissionais”, porém é importante destacar que “os responsáveis por esta cobertura não tem formação em jornalismo, embora um deles, considerado titular, tenha iniciado a função antes mesmo de existir, em Passo Fundo, o curso de Jornalismo” (CERVIERI, 2003, p. 39).

A estratégia da cobertura policial, a princípio, surgiu para que todos os horários fossem atendidos, mas ganhou destaque na programação semanal com o programa “Caso de Polícia”.

Apresentado pelo repórter Lucas Cidade, em parceria com Lucas Brasil, o programa vai ao ar semanalmente, aos domingos, em torno das 20h às 22h, e se pauta em “informações sobre a movimentação e acidentes nas rodovias com a Polícia Rodoviária Federal e Polícia Rodoviária Estadual, movimentação dos Bombeiros, resumo das principais ocorrências policiais” (RÁDIO UIRAPURU, 2015). Entre os assuntos abordados no programa, se destacam os crimes ainda não solucionados e casos de grande repercussão que já foram encerrados, relatados e comentados com intensidade.

A estrutura do programa é um tanto simples. Notícias lidas pelo apresentador principal, intercaladas com a participação da audiência ao vivo, através da internet, lidas pelo segundo apresentador.

Criminalidade, cobertura dos crimes, e também das prisões, são assuntos que seguidamente ganham destaque no policialesco, que é conhecido como uma ponte entre a sociedade da região e as autoridades.

Após a contextualização do objeto deste estudo, o radiojornalismo policial, parte-se agora a compreender a teoria que dá conta de analisar o programa “Caso de Polícia”, conceituando espetacularização da notícia, sensacionalismo e discurso de ódio.

## 2. SENSACIONALISMO, ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA E O DISCURSO DE ÓDIO

Este capítulo decorrerá a respeito do sensacionalismo, traçando um breve histórico deste gênero controverso e conceituando-o, com base em autores como Angrimani Sobrinho (1995) e Amaral (2006). Para uma melhor compreensão sobre o tema, também será apresentado o conceito da espetacularização da notícia, que muitas vezes é erroneamente confundida com o sensacionalismo. Com o mesmo propósito o discurso de ódio será abordado ao final deste capítulo, complementando a contextualização dos temas abordados nesta pesquisa.

### 2.1 Sensacionalismo

Gênero jornalístico, por vezes menosprezado, o sensacionalismo é baseado na tríade “escândalos, sexo e sangue”. Segundo Marcondes Filho (1986), este gênero “não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público”.

Definir suas origens é um trabalho difícil e impreciso. Muitos autores citam o final do século XIX, atribuindo a Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst a implantação deste gênero do jornalismo, porém ele está enraizado na imprensa desde o seu surgimento (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 19). Para mostrar isso, no livro “Espreme que sai sangue: Um estudo do sensacionalismo na imprensa”, o autor Angrimani Sobrinho (1995) analisa o surgimento do jornalismo na França e nos Estados Unidos, buscando confirmar esta perspectiva, mostrando que o sensacionalismo já era utilizado pela imprensa da época.

Entre 1560 e 1631 começam a surgir os primeiros jornais franceses, intitulados “*Nouvelles Ordinaires*” e “*Gazette de France*”. Segundo Seguin (1959) (apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p.19) a “*Gazette*” “se parecia com os jornais sensacionalistas que são feitos atualmente, trazendo *fait divers* fantásticos e notícias sensacionais que agradavam a todos”.

Já no século XIX, os “canards” faziam muito sucesso na França. Eram pequenos jornais populares, com apenas uma página, com título, ilustração e texto. Dentre eles, os que

mais se destacavam eram os que continham *fait divers*<sup>1</sup>: “crianças martirizadas ou violadas, parricídios, cadáveres cortados em pedaços, queimados, enterrados” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 19-20), entre outras atrocidades que poderiam atrair leitores.

Já do outro lado do Atlântico, o “*Publick Occurrences*”, primeiro jornal feito em solo americano, também possuía características sensacionalistas.

Editado pelo gráfico inglês Benjamin Harris, “*Publick Occurrences*” teve apenas uma edição, publicada em 25 de setembro de 1690, onde informava aos seus leitores sobre uma epidemia de sarampo que atingia Boston, chamava os índios de “selvagens miseráveis” e relatava uma cascata (história inventada para preencher espaço no jornal), onde dizia que o rei francês tinha tomado “liberdades imorais” com a mulher do príncipe e que, por isso, “o príncipe tinha se ofendido” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 20).

No final do século XIX, surgem dois jornais que moldaram o gênero sensacionalista: “*World*” e “*Journal*”. Editado por Joseph Pulitzer, o “*New York World*” “foi o primeiro a publicar um jornal em cores, utilizar “olhos” (textos curtos colocados nos espaços em branco ao lado do logotipo do jornal) e a descobrir o filão que representavam reportagens em tom sensacional, cruzadas com apelo popular, amplas ilustrações e manchetes de igual tom sensacional” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 20).

O sucesso obtido pelo “*World*” despertou a atenção de William Randolph Hearst, que, em 1895, comprou o “*Morning Journal*”, outro jornal pertencente à Pulitzer. “Os dois jornais estabeleceram uma acirrada concorrência e usaram do sensacionalismo a ferramenta para conquistar o público e o domínio no mercado jornalístico” (LUGÃO, 2010, p. 15), semelhante ao que se vê hoje, na disputa por audiência, em que o emocional e o sensacional são usados para atrair o público, tanto no telejornalismo quanto no radiojornalismo, objeto deste estudo.

Isso começou com o surgimento da televisão, em que os espetáculos migraram para o novo meio de comunicação, fazendo com que a radiodifusão buscasse novas alternativas, investindo no setor jornalístico, esporte e prestação de serviço. Como o público da época se via dividido entre a fidelidade ao rádio, e o deslumbre a televisão, práticas jornalísticas que

---

<sup>1</sup> Introduzido por Roland Barthes, o termo francês *fait divers* “designa, em sua generalidade, a informação sensacionalista” (RAMOS, 2015, p. 124)

Curiosidades, fatos diversos que cobrem escândalos e bizarrices se caracterizam como *fait divers*, e estão presentes na imprensa desde o seu início, “sendo um dos primeiros recursos editoriais para chamar a atenção e promover a diversão da audiência”. “Constata-se que o *fait divers* traz consigo o humor, o espetáculo e a emoção”, conteúdos que são comumente percebidos no jornalismo atual (DEJAVITE, 2015, p. 1).

remetem ao sensacionalismo foram a saída para reaver o público (ÁVILA, 2009, p. 28), saindo assim da crise, que não era apenas de audiência, mas também financeira e de identidade.

Conforme os anos passaram, e o sensacionalismo foi se enraizando e tomando forma, o termo “sensacionalista” ganhou status pejorativo e hoje, muitas vezes erroneamente, é usado como forma de ataque às mídias (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14).

Quando se enclausura um veículo nessa denominação, se faz também uma tentativa de colocá-lo à margem, de afastá-lo dos mídias “sérios”. [...] Na abrangência de seu emprego, sensacionalista é confundido não só com qualitativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14).

Já Amaral (2006, p.20) diz que “é possível afirmar que todo o jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido e, conseqüentemente, alcançar uma boa tiragem”. Ela cita Marcondes Filho (1986), que afirma que os jornais usam dessa “sensacionalização” da notícia para que a venda dos jornais seja maior. Porém “o que diferencia um jornal dito “sensacionalista” de outro dito “sério” é a intensidade. O sensacionalismo é o grau mais radical da mercantilização da informação”.

Todas essas definições convergem para alguns pontos comuns. Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. [...] Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 16).

Para atrair a atenção e “sensacionalizar” os fatos, são utilizados artifícios como o da linguagem, que na visão de Angrimani Sobrinho (1995, p.16) “não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante”, usando de uma coloquialidade exagerada. Nota-se também a falta de neutralidade e distanciamento, além da presença de gírias e palavrões. Ele define esta forma

como uma linguagem clichê, pois estabelece uma relação emotiva com o espectador, que sente-se inserido no fato e, de certa forma, sacia seu inconsciente.

A narrativa transporta o leitor, é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao macumbeiro, ao sequestrador, sentindo as mesmas emoções. Essa narrativa delega sensações por procuração, porque a interiorização, a participação e o reconhecimento desses papéis, tornam o mundo da contravenção subjetivamente real para o leitor. A humanização do relato faz com que o leitor reviva o acontecimento como se ele fosse o próprio autor do que está sendo narrado (PEDROSO, 1983).

As sensações são transmitidas ao espectador, muitas vezes utilizando de uma narrativa em tom dramático, impactante, podendo ser apresentado em pequenos “blocos” ao longo do telejornal (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 40-41). O autor também cita Pedroso (1983), para explicar as características da linguagem sensacionalista, que segundo eles possui:

Uma ambivalência linguístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subsequentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural; discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, autoritária, despolitizadora, fragmentária, unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa; exposição do oculto, mas próximo; produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; especificidade discursiva de jornal empresarial-capitalista, pertencente ao segmento popular da grande empresa industrial-urbana, em busca de consolidação econômica ao mercado jornalístico; escamoteamento da questão do popular, apesar do pretense engajamento com o universo social marginal; gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes hegemônicas e subalternas. (PEDROSO, 1983 apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14-15)

Estas características podem ser percebidas com mais facilidade no jornalismo televisivo, como é mostrado no artigo “Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo”, dos autores Tondo e Negrini (2009). Nele, é discutido sobre a presença da espetacularização da notícia e do sensacionalismo no jornalismo televisivo.

Para entender os fatores que levam a popularização do sensacionalismo, os autores citam Marcondes Filho (1986) e a forma como ele o descreve: um nutriente psíquico e desviante ideológico.

Ele caracteriza a prática sensacionalista como uma forma radical de mercantilização da informação. Para o autor, vende-se apenas a aparência, o que interessa é o lado externo e atraente do fato. Os objetos de exploração do jornalismo sensacionalista são as emoções e o sentimentalismo: “No fundo a imprensa sensacional trabalha com as emoções, da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo, também de natureza puramente emocional”. (MARCONDES FILHO, 1986 apud TONDO; NEGRINI, 2009, p. 2-3)

As notícias que são veiculadas nos noticiários deste cunho, apresentadas como *shows*, transformam, segundo os autores, os fatos sociais e as notícias, em diversão. Novamente citando Marcondes Filho (1986), Tondo e Negrini (2009, p. 3) dizem que “os shows buscam puramente o esvaziamento da crítica do jornalismo. Com eles, realiza-se o ato de omitir mostrando, de preencher o tempo com o nada, de concretizar o esvaziamento cultural.”. Ainda seguindo esta linha, usando de Bourdieu (1997), se diz que “[...] se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas” (BORDIEU, 1997 apud TONDO; NEGRINI, 2009, p. 3).

Tentando entender o porquê dessa espetacularização da notícia e, de certa forma, do dia-a-dia, os autores utilizam de Debord (1997), que diz que “com a tendência das peculiaridades das atitudes das pessoas se tornarem shows espetaculares, o homem acaba se tornando ator e platéia do espetáculo humano”, o que explica porque o sensacional, e o espetáculo na notícia acaba tendo um forte apelo popular, e por consequência, de audiência (DEBORD, 1997 apud TONDO; NEGRINI, 2009, p. 4).

## 2.2 Espetacularização da notícia

Longe do conceito de que o jornalismo é, teoricamente, imparcial, a espetacularização dentro do meio jornalístico é evidenciada pela combinação da notícia à dramatização dos fatos. Com a popularização da cultura do sensacional nos noticiosos brasileiros, o entretenimento e os *shows* espetaculares possuem espaço garantido nos meios de comunicação. Assim como no sensacionalismo, é comum o uso de depoimentos para tocar emocionalmente o espectador, principalmente em notícias com grande repercussão na sociedade (TONDO; NEGRINI, 2006. P. 38).

Os autores Tondo e Negrini (2009, p. 4) acreditam que a invasão da indústria do entretenimento é o fator responsável pelo fenômeno do espetáculo que vive a sociedade atual.

A constante invasão nas mais variadas áreas da sociedade contemporânea pela indústria do entretenimento, que pode ser considerada um dos maiores fenômenos da sociedade pós-moderna, é a tese sustentada pelo jornalista norte-americano Neal Gabler na obra “Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade”. O autor defende a tese de que o entretenimento, transmitido através de veículos como o cinema, teatro e meios de comunicação, moldou e reestruturou o meio social, especificamente a vida humana (TONDO; NEGRINI, 2009, p.4)

O conceito de espetáculo está intimamente relacionado com a vida humana, e este enraizamento dessa cultura faz com que vivamos em uma época em que “[...] toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p. 13-19).

Para ele o espetáculo não é só um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens, e ainda acrescenta que “à medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário. O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sonho” (1997, p. 23).

Mesmo se tratando de imagens, é importante esclarecer que o conceito também se aplica a radiodifusão, tendo em vista que, através das narrativas e efeitos sonoros, o rádio constrói uma imagem ao ouvinte acerca do fato tratado.



Para Negrini (2010) a presença da espetacularização, é ainda mais evidente na televisão, onde já é consolidada, mais que um simples modismo, e sustenta elevados índices de audiência.

A espetacularização das notícias na televisão é uma consequência do domínio da observação sobre a explicação. A televisão procura prender os espectadores. E dar prioridade à apresentação do insólito, do excepcional e do chocante, que fazem uma excelente composição de um espetáculo midiático, pode ser uma receita padrão para prender os públicos frente à tela (CANAVILHAS, 2001, apud NEGRINI, 2010).

Por sua vez, o próprio autor português Canavilhas (s.d., p.5) acredita que a espetacularização da notícia é uma “consequência do domínio da observação sobre a explicação”. Os veículos procuram prender o público, dando prioridade ao insólito, ao excepcional e ao chocante. Para ele, os elementos a que se recorrem para que haja a espetacularização são os seguintes:

1. Selecção de dramas humanos — Procura-se explorar os sentimentos mais básicos da pessoa, pondo em destaque casos de insatisfação das necessidades básicas identificadas por Maslow, nomeadamente as necessidades fisiológicas e a segurança.
2. Reportagem/directo - Recurso ao enquadramento local, se possível na hora do acontecimento, tirando partido da emoção oferecida pelo repórter no papel de testemunha ocular do acontecimento.
3. Dramatização - Uso dos gestos, do rosto e da expressão verbal (volume, tom e ritmo de voz) para emocionar ou sublinhar as imagens que desfilam no pequeno ecrã. Usualmente, são cinco os procedimentos clássicos da dramatização: o exagero, a oposição, a simplificação a deformação e a amplificação emocional.
4. Efeitos visuais- Todo o esforço de montagem e pós-produção, que permite manipular o acontecimento através da selecção das imagens mais elucidativas (CANAVILHAS, s.d., p.5).

Na obra “Sobre ética e imprensa”, Bucci (2000) compara a estrutura atual de alguns noticiários à telenovelas.

O noticiário da atualidade constrói pequenas novelas diárias ou semanais cujos protagonistas são tipos da vida real absorvidos por uma narrativa que funciona como se fosse ficção. Programas jornalísticos na televisão desenvolvem-se como se fossem filmes – de ação, de suspense, de romance, de horror. (...) a seqüência dramática do telejornalismo é precisamente melodramática, segue a estrutura das narrativas das telenovelas, que fundaram no público nacional o ato de ver televisão. É esse o estilo brasileiro pelo qual a imagem preside a notícia. O massacre de trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás, no interior do Pará, em abril de 1996, só foi a manchete porque veio acompanhado de cenas vibrantes (BUCCI, 2000 p. 142-143).

Nesta estrutura o público, na ânsia de acompanhar o “capítulo seguinte” do espetáculo que se tornou a vida “real”, é receptor diário de notícias espetacularizadas, utilizando do emocional para prender a atenção. Mas conseguem mais que isso, não apenas prendem como influenciam o emocional, por isso é importante analisar o conteúdo recebido com cuidado, visto que uma ideia transmitida em meio a estes momentos de conexão emocional teria grande influência para o público.

### **2.3 Discurso de Ódio**

O discurso de ódio tem, cada vez mais, ganhado visibilidade no Brasil, principalmente devido às discussões envolvendo parlamentares conversadores e suas opiniões que, em tese, representariam o povo brasileiro. O assunto é recorrente, passou a ser problematizado ao final da Segunda Guerra Mundial, quando a liberdade de expressão foi usada para justificar a morte de milhares de pessoas inocentes. “Com a ideia de supremacia ariana disseminada entre o povo alemão, os nazistas tiveram, inclusive, apoio dos cidadãos para justificar a tentativa de extermínio do povo judeu, visto como empecilho para a tal supremacia” (PINHEIRO, 2014). Era comum ouvir de líderes nazistas que judeus eram inferiores e não dignos de respeito.

Mas antes de aprofundar e buscar definições a respeito, é preciso esclarecer que o discurso de ódio não deve ser confundido com o posicionamento contrário a determinado assunto. Outro ponto importante é que o simples fato de pensar não configura o discurso de ódio.

Em verdade, trata-se o discurso do ódio de uma variável da Liberdade do Pensamento e, como tal, como apenas sentimento de rejeição ou ódio não externado, não tem interesse para o mundo jurídico. Entretanto, quando manifesto, o discurso do ódio repercute como expressão do pensamento e, de acordo com Jeremy Waldron (2010), passa a gerar efeitos nocivos que poderão perdurar no tempo de acordo com o veículo de transmissão utilizado (FREITAS; CASTRO, 2013).

O discurso de ódio tem a característica de oprimir e degradar o seu alvo, abusando da liberdade de expressão. Para Botelho (2012, p. 294), “há no discurso do ódio um componente destrutivo, a saber, a utilização da liberdade de expressão com o desiderato de aviltar a dignidade da pessoa humana, pela degradação de pessoas ou grupos específicos em razão de características que os distinguem dos demais”. Para ele, o discurso de ódio pode ser definido como a “expressão de palavras que visam insultar, intimidar ou assediar pessoas em razão de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, possuindo, ainda, a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra certos grupos”.

Não muito diferente disso, os autores Freitas e Castro (2013, p. 344) conceituam o discurso de ódio dizendo que “tal discurso apresenta como elemento central a expressão do pensamento que desqualifica, humilha e inferioriza indivíduos e grupos sociais”. Este discurso propaga a discriminação desrespeitosa para quem possa ser considerado “diferente”, promovendo sua exclusão social.

Ainda segundo eles, o discurso de ódio tem como foco central, além da discriminação de grupos minoritários, a desvalorização do outro. Isto indica não somente uma diferença, mas uma assimetria entre duas posições: o que expressa o ódio, supostamente superior, e aquele vítima da rejeição, supostamente inferior. O objetivo pretendido é humilhar para amedrontar (FREITAS; CASTRO, 2013, p. 345).

Para Leal da Silva et al. (2011), o discurso de ódio tem consequências bem maiores quando veiculados a um público maior, podendo causar danos que permanecerão ao longo do tempo.

A palavra veiculada oralmente, dirigida ao público trará impacto imediato, mas, se impressa e publicada, poderá promover um dano que permanecerá ao longo do tempo. Consequentemente, é possível afirmar que um discurso consoante o meio de divulgação escolhido promoverá maior impacto (LEAL DA SILVA et al., 2011 apud FREITAS; CASTRO, 2013, p. 344).

Considerando isto, é possível dizer que se veiculado em algum meio de comunicação de massa, como o rádio ou a televisão, o discurso de ódio causará muito mais danos, até mesmo permanentes, e influenciará uma parcela maior de pessoas.

Após a fundamentação teórica referente aos aspectos conceituais sobre rádio e sobre o sensacionalismo, a espetacularização e o discurso de ódio, parte-se agora para a fase prática da pesquisa, em que o programa “Casos de Polícia” é descrito e analisado sob o ponto de vista dos conceitos já abordados.

### 3. METODOLOGIA E ANÁLISE

#### 3.1 Metodologia

Este capítulo tem como proposta explicar a metodologia utilizada para a elaboração desta pesquisa, bem como esclarecer a escolha das edições selecionadas e a forma encontrada para realizar a análise.

O objeto deste estudo, o programa “Casos de Polícia”, é apresentado pela Rádio Uirapuru aos domingos, das 20h às 22h pelo repórter Lucas Cidade, com participação também do Lucas Brasil. Para a análise ser imparcial, foram selecionadas, então, as quatro edições do mês de Outubro de 2015, sendo elas dos dias 4/10, 11/10, 18/10 e 25/10. Desta forma, por haver um intervalo de uma semana entre as edições, a amostragem consegue contemplar melhor o conteúdo que é transmitido pela emissora.

Estas serão analisadas de forma descritiva-analítica, que, segundo Gatti (2006), é a forma de estudo que procura “comparar ou cruzar variáveis ligadas aos processos internos e aos produtos”. Os conceitos apresentados nos capítulos anteriores serão aqui revisitados para confirmar se há ou não a presença deles na amostragem selecionada. Para uma compreensão mais clara, foi criada uma tabela com as principais características, baseada no autor Angrimani Sobrinho (1995), as quais serão marcadas com X, caso estejam presentes na edição.

**Tabela 1 – Modelo de tabela usada como base da análise**

<b>Característica</b>	<b>Presença</b>
Notícias predominantemente focadas na tríade “escândalo, sexo e sangue”	
Linguagem clichê	
Presença de gírias e palavrões	
Faz a humanização do relato	
Narrativa em tom dramático	
Transmite a notícia em pequenos “blocos” durante o programa	
Ambivalência linguístico-semântica	
Valorização da emoção em detrimento da informação	
Exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional	
Destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos	

**Fonte: elaborada pelo autor a partir de conceitos de Angrimani Sobrinho (1995)**

## 3.2 Descrição e análise

Foram analisados, portanto, quatro edições do programa “Caso de Polícia”, transmitido pela Rádio Uirapuru. Os quatro programas analisados são descritos inicialmente a partir de seus principais temas e formatos de maior destaque. Na sequência, cada um deles passa por uma análise a partir das categorias descritas na tabela anterior.

### 3.2.1 Programa Caso de Polícia do dia 4 de outubro de 2015

A edição do programa “Caso de Polícia” do dia 04 de outubro de 2015 é apresentada por Lucas Cidade, e conta com a participação de Lucas Brasil como co-apresentador. Em sua estrutura, o programa intercala as notícias, lidas por Lucas Cidade, com os comentários da população, enviados através de e-mail, mensagem de texto ou aplicativos de mensagem instantânea, lidos por Lucas Brasil, que também faz alguns complementos aos comentários do apresentador principal.

Ao analisar a primeira edição selecionada, é possível perceber a direção tomada pelo policialesco já durante a escalada. Dentre as trinta manchetes apresentadas, onze são relacionadas a homicídio ou tentativa de homicídio. A trilha de suspense, incessantemente presente desde o começo, se junta ao tom dramático e violento utilizado pelo apresentador Lucas Cidade em manchetes como *“assassino confessa ‘utilizei pneus e garrafas PET para queimar a vítima’”*.

Esta linguagem, que Angrimani Sobrinho (1995, p.16) classifica como linguagem clichê, nada mais é do que “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento [...] utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante”. Outras características desta forma de linguagem são a falta de neutralidade e distanciamento durante a narração do relato, além da presença de gírias e palavrões.

Ainda no começo do programa, chama a atenção o fato de o apresentador convidar o ouvinte a participar do programa enviando mensagens:

*“[...] relatando situações que envolvem segurança pública, bem como repassar denúncias de locais em que possam existir bocas de fumo, locais onde existem badernas, jovens dirigindo sem CNH, também locais onde estão escondidos foragidos da justiça, carros roubados ou furtados, e diversas outras situações que envolvem a segurança pública de Passo Fundo e de toda a região”*

Ainda há a ressalva *“teremos todo o cuidado para não divulgar o nome dos locais específicos sem termos provas, mas você pode fazer a sua denúncia, iremos elaborar o relatório, repassar para a Brigada Militar, Polícia Civil como também a Polícia Federal”*.

Nota-se aqui que o programa se põe explicitamente como uma ponte entre a população da região e a polícia, desenvolvendo um papel que, em um primeiro momento deveria caber às autoridades, que é o de receber as mais variadas denúncias sobre segurança pública. Ao ouvir as participações dos ouvintes por mensagens de texto, é possível notar que estes, por sua vez, também veem o programa desta forma, relatando delitos diretamente para a rádio, em vez de procurar as autoridades competentes.

Notícias mais impactantes são destaque durante toda a edição, tendo a narrativa apresentada em “partes”, com uma linguagem que desperta a curiosidade da audiência. Um exemplo é a notícia sobre o prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, que presenciou uma troca de tiros entre bandidos e a Brigada Militar. Ainda no começo do programa, Lucas Cidade fala sobre o ocorrido e indaga: *“Prefeito de Porto Alegre escapa de tiroteio e o secretário de Segurança Pública diz para reagir, será que ele reagiu?”*. A notícia completa, porém, foi apresentada apenas ao final do bloco. O mesmo ocorre com outras notícias no decorrer do programa, que são mencionadas, por vezes brevemente discutidas, mas deixadas para serem aprofundadas ao final.

Detalhes pessoais, como nome completo das vítimas e dos acusados, são divulgados nas notícias. Na primeira edição desta amostragem, durante a veiculação da notícia de que cinco pessoas foram presas por roubo, além do nome de todos os envolvidos, é incluído na narrativa o endereço da casa de um dos acusados, onde um dos pertences roubados (um celular com GPS) foi encontrado.

Outra característica observada é a presença dos detalhes de como os crimes ocorreram. Um bom exemplo, nesta edição, é a notícia sobre um homicídio ocorrido na cidade de Santa Cecília do Sul, que o próprio apresentador avalia como *“um crime bárbaro”*.

*Um crime bárbaro... um crime bárbaro que é latrocínio! Roubo seguido de morte! Onde foi vitima um senhor de 60 anos, trabalhador, pessoa de bem, morador de Tapejara, que foi executado covardemente com dez tiros. Dez tiros! [...] O corpo foi encontrado no meio da estrada. Um dos tiros foi na nuca, que atravessou a cabeça e saiu pela boca. Um tiro que, tudo indica, ele já estava caído no chão e ainda assim foi atingido por mais este tiro.*

As emoções e o sentimentalismo, que são objetos de exploração do jornalismo sensacionalista (MARCONDES FILHO, 1986 apud TONDO; NEGRINI, 2009, p. 2-3), são evidenciados neste comentário, mas também é notável a exploração do extraordinário e a discursividade repetitiva, violenta e trágica, apontadas por Pedroso (1983, apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14-15) como características deste viés jornalístico.

Ainda nesta notícia, Lucas Cidade cita o fato de que a carga de pneus que estava na caminhonete da vítima continuava intacta, e indaga se este crime foi realmente um caso de latrocínio.

*Será que realmente foi um crime de latrocínio? Queriam mesmo roubar a caminhonete e deixaram escondido pra baixar a poeira? Será que é gente ali das imediações, porque pra estar pegando carona com ele... E será que a quantidade de tiros que deram na vítima, um pai de família, trabalhador, morador de Tapejara... A quantidade de tiros! Dez tiros! Será que, de repente, não é pra dizer assim: “Este nós temos que matar que ele não pode sair vivo desta, se não nós seremos reconhecidos”, ou será que não é nada disso e sim uma típica execução?*

Além da valorização da emoção em detrimento da informação, há uma superdimensionalização do fato, extrapolando o real, visto a exploração de elementos sugestivos feita pelo apresentador, ao sugerir que, talvez, a vítima tenha sido morta por algum conhecido. Ao final da notícia, o apresentador retorna à declaração do secretário de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, dizendo que “*se chega ao ponto do secretário de Segurança Pública estadual dizer para as vítimas reagirem... Não façam isso, porque você cidadão de bem, vai reagir de que forma, se você, cidadão de bem, não pode nem andar armado?*”.

Depois, ao noticiar a prisão de dois indivíduos envolvidos no assalto de uma loja de doces, Lucas Cidade comenta que “*pra roubar, eles [os bandidos] acabam armados com facas ou com revólveres, e a qualquer momento eles podem decidir se te agridem, roubam o teu trabalho, se te matam*”. Este trabalho não busca julgar ou defender quaisquer dos lados, seja do apresentador Lucas Cidade ou dos acusados pelo crime, porém vale destacar que, em vista da crescente criminalidade que vem instigando medo na população, comentários como este, veiculados à uma grande audiência, podem ter resultados catastróficos. Não são raros casos em que os próprios cidadãos, inseguros, resolvem fazer justiça com as próprias mãos.

No último bloco do programa o destaque é a apreensão de um adolescente de alta periculosidade pelo Batalhão de Operações Especiais da Brigada Militar. Novamente, comentários que incitam a indignação e o medo à população são veiculados.



*Não interessa se é menor ou não é menor. Vou falar o que é pra falar. Era o terror. Assaltava, matava sem nem querer saber o por que. Se você quisesse executar alguém, levava a arma pra ele, ele ia lá e matava! [...] Ele agora está no CASE, devido a ação do BOE, mas é CASE, de menor, ou seja, logo, logo ele tá na rua! “Mas antes a mãe dele do que a minha”, essa é a frase que ele usou ao prestar depoimento.*

Características como o emprego de gírias, citada por Angrimani Sobrinho (1995, p.16), a falta de neutralidade da linguagem clichê são visíveis. Esta narrativa transporta o ouvinte para o fato, faz com que este sinta as emoções relatadas, se emocione, sinta raiva, sinta pena. Esta humanização do relato, segundo Pedroso (1983 apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 40-41), “faz com que o leitor reviva o acontecimento como se ele fosse o próprio autor do que está sendo narrado”.

Abaixo, a tabela criada pontua os elementos apontados pelos autores utilizados neste estudo como característicos do sensacionalismo, que estão presentes na edição do dia 04 de outubro de 2015.

**Tabela 2 – Tabela com os dados do programa do dia 04 de outubro de 2015**

<b>Característica</b>	<b>Presença</b>
Notícias predominantemente focadas na tríade “escândalo, sexo e sangue”	X
Linguagem clichê	X
Presença de gírias e palavrões	
Faz a humanização do relato	X
Narrativa em tom dramático	X
Transmite a notícia em pequenos “blocos” durante o programa	X
Ambivalência linguístico-semântica	X
Valorização da emoção em detrimento da informação	X
Exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional	X
Destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos	X

**Fonte: elaborada pelo autor a partir de conceitos de Angrimani Sobrinho (1995)**

### 3.2.2 Programa Caso de Polícia do dia 11 de outubro de 2015

A edição do programa “Caso de Polícia” do dia 11 de outubro de 2015 é apresentada por Lucas Cidade, com participação de Lucas Brasil. Em sua estrutura, o programa intercala as notícias, lidas por Lucas Cidade, com os comentários da população, enviados através de e-mail, mensagem de texto ou aplicativos de mensagem instantânea, lidos por Lucas Brasil, que também faz alguns complementos aos comentários do apresentador principal.

Na escalada, das 16 manchetes apresentadas apenas três envolvem homicídio, diferentemente da edição anteriormente analisada, em que das 30 manchetes, 11 envolviam homicídio. Nesta, em maior número se encontra as notícias envolvendo acidentes de trânsito, tendo cinco menções realizadas na escalada. As outras notícias se referem a assaltos, acidentes domésticos, tráfico de drogas e contrabando.

O apresentador convida, então, o ouvinte a participar do programa, utilizando-o como ponte entre a população e as autoridades.

*“[...] relatando situações que envolvem segurança pública, bem como repassar denúncias de locais em que possam existir bocas de fumo, locais onde existem badernas, jovens dirigindo sem CNH, também locais onde estão escondidos foragidos da justiça, carros roubados ou furtados, e diversas outras situações que envolvem a segurança pública de Passo Fundo e de toda a região”*

Novamente há a ressalva de que *“teremos todo o cuidado para não divulgar o nome dos locais específicos sem termos provas, mas você pode fazer a sua denúncia, iremos elaborar o relatório, repassar para a Brigada Militar, Polícia Civil como também a Polícia Federal”*, porém no decorrer do programa é possível perceber que não há, de fato, este cuidado, visto que as mensagens enviadas pela população são lidas na íntegra, expondo informações como o local mencionado.

A trilha de suspense, presente desde o início, serve de fundo para conversa entre Lucas Cidade e Lucas Brasil, em que leem e respondem comentários enviados pelo público, mandam abraços e chamam a população a participar do programa. Apenas após 12 minutos de programa as notícias começam a ser transmitidas. Isto remete à Marcondes Filho (1986, apud TONDO; NEGRINI, 2009, p.3) que ao mencionar programas que ganham ares de *shows*, diz que eles “buscam puramente o esvaziamento da crítica do jornalismo. Com eles, realiza-se o

ato de omitir mostrando, de preencher o tempo com o nada, de concretizar o esvaziamento cultural”.

Ao noticiar que o Brasil registrou o número de 160 mortes violentas por dia em 2014, Lucas Cidade menciona o fato de que, naquele final de semana, o número de ocorrências foi relativamente baixo, citando a chuva como motivo: *“Muita chuva, acalmou aí a bandidagem, deu um susto na bandidagem, não querem se molhar. Nós tivemos aí ontem dois veículos roubados, este final de semana está relativamente calmo, mas tivemos uma semana bastante agitada!”*. Lucas Brasil então cita uma mensagem de um ouvinte, perguntando se prenderam o suspeito do homicídio ocorrido em Santa Cecília do Sul, ao passo que Lucas Cidade responde com entonação dramática que houve a prisão do autor do que ele define como *“bárbaro crime no interior de Santa Cecília onde um pai de família foi executado com 10 tiros”* e menciona que a notícia será novamente destaque na programação.

É possível notar que ao mencionar este fato, também na edição anterior, o apresentador faz uso de expressões como “bárbaro crime”, “pai de família”, “trabalhador” e “pessoa de bem” (referindo-se a vítima), humanizando o relato, fazendo com que o ouvinte crie empatia a vítima, se sinta inconformado. Não há uma neutralidade, vítima é “pessoa de bem”, acusado é “marginal”, caracterizando a linguagem clichê, mencionada por Angrimani Sobrinho (1995, p.16) como característica do sensacionalismo. Esta, como já mencionado, estabelece uma relação emotiva com a audiência, que por sua vez se sente inserida no fato.

A notícia de que a Polícia Rodoviária Federal efetuou a prisão, após troca de tiros, de indivíduos que realizaram um assalto à lotérica no município de Água Santa ganha destaque na edição do programa. Novamente é possível perceber sinais da linguagem clichê nas falas do apresentador, que já começa a notícia dizendo que *“três marginais invadiram uma agência lotérica em Água Santa, município também próximo aqui de Passo Fundo, que infelizmente também sofre com a situação de insegurança, onde os bandidos estão se aproveitando!”*. Gritando, Lucas Cidade diz: *“Estão tocando o terror em Água Santa! Água Santa, que na última segunda feira três indivíduos acabaram entrando em uma agência lotérica, cometeram um assalto e fugiram em direção a Passo Fundo! Era a bandidagem daqui tocando o terror na região!”*.

Como é possível ver, a forma como é transmitida a mensagem tem como objetivo de chocar o público, “fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 40). Esta “revolta” e indignação programada do apresentador Lucas Cidade é usufruída por “procuração” pelo

público. Para Angrimani Sobrinho (1995, p. 40), nestas horas o “comentarista diz aquilo que o ouvinte gostaria de estar dizendo para o criminoso”. O ouvinte, leigo, crente que aquela reação seja sincera, se encontra envolvido emocionalmente com a história como se ele mesmo estivesse vivendo aquilo, absorve, então, para si esta emoção, esta indignação. Ao perceber isto, é preciso então voltar os olhos para o que está sendo dito nestas horas de influência, pois o peso desta mensagem pode ser impactante para a audiência.

Neste mesmo fato, Lucas Cidade relata que, próximo ao parque da Efrica, a polícia perseguiu os bandidos, que acabaram colidindo. Impossibilitados de fugir, atiraram nos policiais, que revidaram, ferindo um dos assaltantes. Numa clara apologia, o apresentador comenta:

*Mas também, bandido que ergue pistola, que ergue arma, que ergue revolver em direção a policia tem que levar bala mesmo, porque homens da lei são os policiais... Que chegaram a este ponto, onde a bandidagem aponta arma para policiais, que foram recebidos daquela forma. Á tiros na BR-285. A polícia respondeu da maneira que tem que se responder. Por quê? Não me vem dizer que vamos ter que ser a favor de bandido, porque se você está no mundo do crime é dois caminhos: ou é presidio ou é cadeia, ou é cemitério.*

Ironicamente, minutos mais tarde, na mesma edição do programa, ao receber de um ouvinte uma opinião dizendo que a lei “parece que é só pra proteger bandido”, Lucas Cidade aconselha “*Não fala isso Thiago, que daqui a pouco você vai receber a visita dos direitos humanos*”.

Chamou atenção nesta edição o fato de que os ouvintes usam o espaço destinado a opinião do público para transmitir ameaças, ao passo que o co-apresentador Lucas Brasil lê naturalmente no ar, e ainda brinca com o apresentador principal. No fato em questão, foi lida a mensagem que dizia “*Atenção pro cara que arrombou o Gol da jovem que estava na frente de uma boate no centro, um aviso: Tô de olho nele, e a batata dele tá assando!*”. Lucas Cidade, em tom irônico diz “*Opa! Olha aí!*”, e completa “*Vamos alertar aí que não somos a favor da questão da pessoa fazer justiça com as próprias mãos, mas o ouvinte já diz ai que a batata tá assando! [...] coloca uma água nessa tua batata que tá assando e a tua casa vai cair!*”.

É possível perceber aqui características como a valorização da emoção em detrimento da informação, exploração do extraordinário e do vulgar, com presença da violência

(PEDROSO, 1983 apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14-15), que estão presentes na narrativa sensacionalista.

Sobre programas policiais que acabam se tornando *shows* na televisão, Canavilhas (2001, apud NEGRINI, 2010) diz que com isto “a televisão procura prender os espectadores. E dar prioridade à apresentação do insólito, do excepcional e do chocante, que fazem uma excelente composição de um espetáculo midiático, pode ser uma receita padrão para prender os públicos frente à tela”. O mesmo pode ser aplicado ao rádio, que também procura, através das emoções, prender o ouvinte, dando também prioridade ao chocante, excepcional e insólito, criando um espetáculo midiático e de imagens, visto que através dos artifícios da linguagem e efeitos sonoros, o rádio constrói uma imagem ao ouvinte acerca do fato tratado.

No mesmo programa, após noticiar sobre um haitiano que reagiu a assalto em Flores da Cunha, decependo o dedo de um policial militar, foram lidas no ar opiniões enviadas por ouvintes de cunho xenofóbico, como “*Não basta nos incomodarmos com os nossos, agora temos que nos preocupar com os de outras nações*” e “*Já não chega os vagabundos, ainda tem essa gurizada mordendo dedo de policial. Tem que levar bala!*”.

Há uma generalização, por parte do público, demonstrada nos comentários transmitidos, que nos volta à realidade dos imigrantes em nosso país, mas mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, onde a região de Passo Fundo é um dos destinos do fluxo migratório que o Brasil vem recebendo, e são comuns notícias de racismo, xenofobia e violência infundada contra os mesmos. Comentários como estes, dentro do atual contexto, remetem a ideia da supremacia ariana, disseminada entre o povo alemão, onde era comum ouvir de líderes nazistas comentários inferiorizando outras raças, como os judeus (PINHEIRO, 2014), e, pelas características apontadas por Botelho (2012, p.294), se caracterizariam como discurso de ódio, visto que ele o define como “expressão de palavras que visam insultar, intimidar ou assediar pessoas em razão de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, possuindo, ainda, a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra certos grupos”.

No último bloco do programa, Lucas Cidade volta a falar sobre a morte de um homem em Santa Cecília do Sul, já noticiado na edição anterior, e novamente dá detalhes como o número de tiros que a vítima sofreu, e a forma como ela foi morta:

*Um dos tiros foi na cabeça, atravessou a cabeça e saiu pela boca, isso mostra que a vítima já estava no chão, e o assassino, ou os assassinos continuaram atirando naquele pai de família. E o que chama a atenção é que a caminhonete da vítima foi roubada [...] A partir daí, latrocínio, roubo seguido de morte, porém a quantidade de tiros já chamava a atenção [...] Antes de ser um latrocínio, já é uma execução!*

*Queriam matar a vitima! Não tinham como objetivo “eu vou matar pra roubar a caminhonete”, não! Era “eu vou matar” [...] Mataram um homem de bem, um trabalhador, de 60 anos, foi morto covardemente, dez tiros!*

Lucas Cidade então esclarece que o nome do preso só não foi divulgado a pedido da polícia. Novamente é visto na narrativa a utilização das emoções e do sentimentalismo, que são objetos de exploração do jornalismo sensacionalista (MARCONDES FILHO, 1986 apud TONDO; NEGRINI, 2009, p. 2-3), da mesma forma que na edição passada.

Abaixo, a tabela criada pontua os elementos apontados pelos autores utilizados neste estudo como característicos do sensacionalismo, que estão presentes na edição do dia 11 de outubro de 2015.

**Tabela 3 – Tabela com os dados do programa do dia 11 de outubro de 2015**

<b>Característica</b>	<b>Presença</b>
Notícias predominantemente focadas na tríade “escândalo, sexo e sangue”	X
Linguagem clichê	X
Presença de gírias e palavrões	X
Faz a humanização do relato	X
Narrativa em tom dramático	X
Transmite a notícia em pequenos “blocos” durante o programa	X
Ambivalência linguístico-semântica	X
Valorização da emoção em detrimento da informação	X
Exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional	X
Destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos	X

**Fonte:** elaborada pelo autor a partir de conceitos de Angrimani Sobrinho (1995)

### **3.2.3 Programa Caso de Polícia do dia 18 de outubro de 2015**

A edição do programa “Caso de Polícia” do dia 18 de outubro de 2015, apresentada por Lucas Cidade, em parceria com Lucas Brasil, segue, como os outros, uma estrutura que intercala as notícias, lidas por Lucas Cidade, com os comentários da população, enviados através de e-mail, mensagem de texto ou aplicativos de mensagem instantânea, lidos por Lucas Brasil, que também faz alguns complementos aos comentários do apresentador principal.

Na escalada, 17 manchetes são apresentadas, envolvendo, em sua maioria, assaltos, prisão de envolvidos em delitos, atropelamentos, tiroteios e tentativa de homicídio.

Como de praxe, o apresentador convida o ouvinte a participar do programa, utilizando-o como ponte entre a população e as autoridades, para que sejam relatadas as mais diversas situações que envolvam a segurança pública, e já faz o alerta: “*o setor policial está agitado em Passo Fundo*”.

Ao noticiar o 29º homicídio do ano de 2015 em Passo Fundo, onde um homem foi morto com tiro de espingarda calibre 12, Lucas Cidade novamente opta por noticiar detalhes sórdidos envolvendo a forma que a vítima foi morta. “*Imaginem vocês o estrago que fez essa execução com tiro de espingarda calibre 12, na boca da vítima! [...] chama a atenção que a vítima tinha uma vasta lista de antecedentes criminais, e morre desta forma, num crime passionai*”.

Angrimani Sobrinho (1995, p. 16) caracteriza o ato de “sensacionalizar” uma notícia como “sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato”. Visto isso, é possível dizer que a forma utilizada na construção narrativa da notícia se utiliza da sensacionalização do fato.

Durante essa edição durante vários momentos foi mencionado o fato sobre um policial militar que, no horário de folga, matou um assaltante, detento do regime semi-aberto que havia recebido dispensa pelo poder judiciário. Esta estratégia de apresentar a notícia em “bloco” busca prender a audiência, que fica na expectativa do “próximo capítulo” do show que a vida real se transforma. Debord (1997 apud TONDO; NEGRINI, 2009, p. 4) decorre sobre isso, dizendo que “com a tendência das peculiaridades das atitudes das pessoas se tornarem shows espetaculares, o homem acaba se tornando ator e plateia do espetáculo humano”, o que explica porque o sensacional, a notícia espetáculo, acaba tendo um forte apelo popular, e por consequência, de audiência.

Além disso, a presença de gírias e linguagem coloquial, comum no uso da linguagem clichê, e por consequência, do sensacionalismo, se fazem evidentes na continuidade da notícia, em que Lucas Cidade fala sobre a dispensa que o assaltante havia recebido da casa prisional: “[...] *detento do regime semi-aberto, cumpria pena por tráfico de drogas e havia recebido do Poder Judiciário dispensa neste final de semana! E o que estava fazendo ontem? Estava ameaçando, tocando o terror em uma família na Vila Rodrigues!*”.

Outra prova desta linguagem é o comentário feito pelo apresentador logo em seguida.

*Esta semana o placar foi total para a polícia. Foi só gol da polícia. A bandidagem na semana que passou não teve vez aqui em Passo Fundo, pois todos... Não me vem aqui dizer que eu tenho que defender bandido, no momento em que o bandido aponta a arma para o policial, aí é pra acabar! Então os policiais tem sim que apertar o gatilho! Tem que defender e principalmente garantir a segurança da comunidade. E na semana que passou a polícia mostrou que a bandidagem não tem vez!*

Novamente, comentários que incitam a violência e instigam medo na população são veiculados, e, como já mencionados nesta pesquisa, podem resultar em tragédias, visto que a audiência destes programas é facilmente influenciada pelas opiniões neles emitidas. Porém é interessante notar que, neste caso, Lucas Cidade se mostra favorável a morte do bandido pelo policial, tendo em vista que era um bandido, e era para defender a comunidade. Já alguns minutos depois, ao ser questionado por um ouvinte sobre um homicídio ocorrido no bairro Leão XIII, onde a vítima possuía antecedentes criminais, Lucas Cidade diz que *“não podemos tratar essas execuções apenas como um número na estatística. É um ser humano que tem a vida ceifada. Muitas vezes o individuo pode até ser bandido, mas por trás dele tem uma família e com certeza alguém nessa família é pessoa de bem e sofre com a perda dessa pessoa”*. Ou seja, o apresentador, que antes defendia a morte de bandidos que ameaçam a população, agora defende que o ser humano, mesmo sendo bandido, possui por trás uma família, mostrando uma opinião completamente maleável, que muda conforme o teor da notícia. Há também, novamente, a valorização da emoção em detrimento da informação, com uma discursividade ambígua, que ora defende a morte de bandidos, quando feita por policiais, e ora condena, quando feita por outro bandido, e são citadas por Pedroso (1983 apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14-15) como características do discurso sensacionalista.

As consequências de opiniões como estas emitidas são vistas logo após, ao veicularem a opinião dos ouvintes. Uma mensagem recebida e lida no ar parabeniza *“pelas duas salvas e uma mandada para o inferno”*, e completa *“Ora semi-aberto, mas que leis são estas? E o fajuto Estatuto do Desarmamento? Parabéns a todos que portam armas para a sua proteção e de terceiros, como no caso do Policial Militar”*. Há aqui um ciclo vicioso, em que a opinião do ouvinte vai em conformidade à linha editorial utilizada pelo programa *“Caso de Polícia”*, e influencia o apresentador a emitir mais opiniões nesta linha, ao passo que, ao fazer isso, também influencia o ouvinte a participar, enviando mais opiniões deste tipo.

Ao mencionar um roubo de veículos em Passo Fundo, Lucas Cidade comenta sobre a insegurança na cidade e as questões judiciárias:



*A legislação brasileira... são meses que a polícia trabalha a finco, gasta toda uma estrutura, um tempo para identificar, desencadear operações grandiosas para colocar indivíduos atrás das grades, só que devido à legislação brasileira, vamos ser bem sinceros, que é fraca, principalmente a questão penal, que é porca, em pouco tempo estes marginais que tiveram a concentração dos serviços da polícia durante meses, em pouco tempo são colocados na rua.*

Com o pretexto de falar o que “o povo pensa”, muitas vezes programas deste cunho bombardeiam a audiência com opiniões e reações ensaiadas, justamente para tocar nos calos destes indivíduos, que então, se sentem ali representados e até mesmo tendo seus direitos defendidos, sendo cativados, se tornando fieis ao programa, e por final passando a diante a mensagem transmitida à audiência. É desta forma, calcada no emocional, que o sensacionalismo cativa o público.

Ao noticiar, no final do programa, o destaque da edição, que é a notícia de um policial militar em horário de folga que impediu um assalto, baleando e matando o assaltante, Lucas Cidade lembra que o crime ocorreu na Praça Capitão Jovino, local descrito por ele como “fatídico”, onde em abril de 2015 um homem foi morto em frente ao próprio filho. O apresentador, então, narra os acontecimentos, dando ares de telenovela:

*Chegou àquele marginal, armado com uma pistola, de cartucho cheio, e apontou para a vítima [...] Seriam ali mais uma família vítima dos ladrões de veículos. Com certeza essa família seria rendida, ia ser liberada em outro local, iria ter o seu bem subtraído pela bandidagem [...] passou um policial militar em horário de folga e presenciou o assalto. Ele então voltou e se identificou como policial, e neste momento o assaltante apontou a pistola para o policial [...] Detendo do semiaberto e neste final de semana tinha recebido dispensa da casa prisional. E o que é que ele estava fazendo no horário da dispensa? Tava assaltando [...] Esta atitude corajosa, louvável do policial militar, horário de folga.*

Chamou também a atenção, na veiculação das informações, que, além da tomada clara de partido, por parte do programa, para o lado da polícia, e talvez até motivado por isso, que houve a veiculação do nome dos envolvidos, família e assaltante, como de praxe, mas em momento algum foi mencionado o nome do policial militar envolvido na ocorrência.

Abaixo, a tabela criada pontua os elementos apontados pelos autores utilizados neste estudo como característicos do sensacionalismo, que estão presentes na edição do dia 18 de outubro de 2015.

**Tabela 4 – Tabela com os dados do programa do dia 18 de outubro de 2015**

<b>Característica</b>	<b>Presença</b>
Notícias predominantemente focadas na tríade “escândalo, sexo e sangue”	X
Linguagem clichê	X
Presença de gírias e palavrões	X
Faz a humanização do relato	X
Narrativa em tom dramático	X
Transmite a notícia em pequenos “blocos” durante o programa	X
Ambivalência linguístico-semântica	X
Valorização da emoção em detrimento da informação	X
Exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional	X
Destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos	X

**Fonte:** elaborada pelo autor a partir de conceitos de Angrimani Sobrinho (1995)

### **3.2.4 Programa Caso de Polícia do dia 25 de outubro de 2015**

A edição do programa “Caso de Polícia” do dia 25 de outubro de 2015 é apresentada por Lucas Cidade, e conta com a participação de Lucas Brasil lendo comentários enviados pelo público. Nesta última edição da amostragem selecionada, a estrutura do programa se manteve a mesma, intercalando as notícias, lidas por Lucas Cidade, com os comentários da população, enviados através de e-mail, mensagem de texto ou aplicativos de mensagem instantânea, lidos por Lucas Brasil, que também faz alguns complementos aos comentários do apresentador principal.

As notícias utilizadas na escalada, 19 no total, são compostas basicamente por assuntos como prisão de indivíduos (9 notícias), acidentes de trânsito (4 notícias), condenação de acusados (2 notícias), homicídio (1 notícia), tentativa de estupro (1 notícia) e a troca de comando do BOE de Passo Fundo.

Seguindo a estrutura do programa, Lucas Cidade convida, o ouvinte a participar, utilizando do mesmo como ponte entre a população e as autoridades, “[...] *relatando*

*situações que envolvem segurança pública [...] de Passo Fundo e de toda a região*”, e inclusive dizendo, na abertura do programa, que *“a sua linha de comunicação com as autoridades está aberta”*.

Logo de cara, Lucas Cidade já alerta o ouvinte para a notícia que será veiculada mais tarde no programa, em que *“idoso assassinado com 17 facadas foi vítima do filho adotivo”*, ditando o tom do programa, e já aguçando a curiosidade do ouvinte com manchetes que se assemelham aos *fait divers*<sup>2</sup>, que são *“um dos primeiros recursos editoriais para chamar a atenção e promover a diversão da audiência”* (DEJAVITE, 2015, p. 1). No fato em questão, Lucas Cidade ainda dá detalhes sobre as facadas: *“12 nas costas, 3 no peito, 2 na cabeça e uma no braço”*.

Enquanto a edição se desenvolvia, uma mensagem enviada por um ouvinte alerta os apresentadores: *“Tiros no presídio! Alarme no presídio a todo vapor”*. Lucas Cidade então fala que buscará informações com as autoridades competentes e, após um intervalo comercial, volta noticiando uma tentativa de fuga no Presídio Regional de Passo Fundo, mas que a situação já havia sido controlada.

Logo após, veicula a notícia de que um incendiário foi preso após atear fogo em dois veículos. Como de praxe, o nome do acusado é veiculado, e o apresentador diz indignado *“Parece filme né? O cara pega um carro e taca fogo, depois pega uma moto e taca fogo, depois já tava no terceiro carro!”*. Neste momento, Lucas Brasil avisa que, segundo informação recebida de um ouvinte, o incendiário já estava solto. Esta interatividade é presente em todas as edições e ocupa boa parte do programa, muitas vezes pautando-o, com a apuração de informações recebidas durante a veiculação do mesmo. Entretanto, como visto na análise de outras edições, nem sempre é usada para emitir uma opinião a respeito do que esta sendo tratado.

O fato de um pai ter sido morto em frente a filha de 8 anos é destaque durante toda a edição, onde pequenas menções ao fato são feitas, com intuito de despertar a curiosidade no ouvinte. A notícia, entretanto, é apresentada apenas no final do programa e, claro, acompanhada de uma entonação raivosa, demonstrando indignação. O apresentador dá detalhes: *“A menina precisou se esconder para não ser atingida pelos tiros [...] E pra ela sair de dentro de casa, pedir ajuda, teve que passar pelo lado do pai todo ensanguentado, caído na porta de casa morto, sem vida [...] Como fica esta menina?”*.

---

<sup>2</sup> Para definição, ver página 18.

Claramente apelando para o emocional do ouvinte, Lucas Cidade mais uma vez adapta seu discurso à notícia: “*Não me interessa se o homem que morreu era do bem ou do mal, se era bandido ou cidadão de bem, não me interessa, eu tô falando porque uma criança, uma menina de 8 anos presenciou a morte do próprio pai*”. É importante deixar claro que, ao frisar isto, não se busca entrar no mérito de julgar a vítima, muito menos a opinião emitida pelo apresentador, busca-se apenas mostrar que, em diferentes situações, a opinião do mesmo sobre um tema polêmico – homicídio – toma polarizações diferentes, seguindo a tendência da opinião pública, em que um bandido morto é glorificado e um pai de família morto é causa de indignação.

Já a notícia de que uma mulher foi vítima de tentativa de estupro, assunto que mereceria também grande indignação por parte do apresentador, ganha tom fetichista, novamente com ares de telenovela. O apresentador detalha:

*Achou que era o marido chegando em casa, ela abriu a porta era o tarado, e chamando de “gostosinha”, e que partiu pro ataque. Depois desse tipo de situação aqui, depois quando as pessoas fazem justiça com as próprias mãos, vem o tal dos direitos humanos “não bate no tarado”, mas o tarado fazendo isso com a moradora do parque recreio.*

O comentário, ao final, claramente incita a população contra o acusado. Deixando-se de lado o emocional, é preciso analisar, antes da veiculação do mesmo, se este tipo de opinião, que provavelmente seja em conformidade com a de boa parte da audiência sobre o assunto, não acaba por causar tragédias como o caso do trabalhador que foi espancado até a morte pela população de Natal, em setembro de 2015, acusado de estupro de uma menina de 13 anos.

Aldecir Bezerra da Silva foi covardemente espancado com uso de pedras, pedaços de madeira e até mesmo com um fogão. Entretanto, segundo a Polícia Civil do estado do Rio Grande do Norte, nenhum caso de estupro foi registrado no bairro, no dia em questão, e o “acusado” não figura como réu em nenhum processo (G1, 2015). Um comentário dito, então, em um momento de conexão emocional entre o apresentador e a audiência poderia, infelizmente, tomar proporções trágicas.

Outro assunto, amplamente discutido nesta edição, foi a troca no comando do Batalhão de Operações Especiais da Brigada Militar, em Passo Fundo. Lucas Cidade relata que o comandante que determinou a troca participou de uma solenidade no município, mas não quis

falar com a imprensa. Cita, então, que o mesmo aconteceu naquela semana, quando o governador do estado do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, esteve no Aeroporto Regional de Passo Fundo, e houve muita dificuldade para a imprensa conseguir chegar até ele.

*Mas tchê! Quem é que paga teu salário? Não é o povo? Não é o contribuinte? Você não foi eleito pelo povo? O que é que custa atender bem a imprensa e falar com seu povo? Aproveita a oportunidade. Só querem na hora que tá perto da urna né? [...] Assumem cargos públicos, mas não dão nenhuma satisfação pro povo, que é quem te colocou lá.*

Voltando a falar sobre a troca de comando, o apresentador fala que estas alterações são tratadas como atos políticos, tendo em vista a mudança do governo estadual e também as manifestações dos servidores da segurança pública nos últimos meses, devido aos atrasos de salários. Segundo ele, “*nos bastidores diz que é o seguinte, aquele comandante que não falou assim pros policiais ‘vão pra rua, vão pra rua’, mas que respeitou a manifestação, esta sendo alterado o comando*”, porém não é dito de onde vem tal informação.

Abaixo, a tabela criada pontua os elementos apontados pelos autores utilizados neste estudo como característicos do sensacionalismo, que estão presentes na edição do dia 25 de outubro de 2015.

**Tabela 5 – Tabela com os dados do programa do dia 25 de outubro de 2015**

<b>Característica</b>	<b>Presença</b>
Notícias predominantemente focadas na tríade “escândalo, sexo e sangue”	X
Linguagem clichê	X
Presença de gírias e palavrões	X
Faz a humanização do relato	X
Narrativa em tom dramático	X
Transmite a notícia em pequenos “blocos” durante o programa	X
Ambivalência linguístico-semântica	X
Valorização da emoção em detrimento da informação	X
Exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional	X
Destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos	X

**Fonte:** elaborada pelo autor a partir de conceitos de Angrimani Sobrinho (1995)

### 3.2.5 Análise

No decorrer da análise foi possível perceber a presença diversos pontos no programa “Caso de Polícia”, veiculado pela Rádio Uirapuru, que são característicos da narrativa sensacionalista. O programa inteiro se dá sobre uma trilha de suspense, que, por si só, já desperta a inquietude no ouvinte.

Como já mencionado, a presença da linguagem clichê é forte. Esta nada mais é do que “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento [...] utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p.16). Isto é percebido em todas as quatro edições analisadas, juntamente à falta de neutralidade e distanciamento do locutor durante a narração dos relatos.

É notável que o programa se põe como uma ponte entre a população e as autoridades, chegando a dizer que “*a sua linha de comunicação com as autoridades está aberta*”. Com isso, o programa ganha a confiança do público, que realmente o vê desta forma, enviando denúncias de pontos onde há venda de drogas, ocorrências policiais, e, muitas vezes, pautando o programa com as informações enviadas. Mas também é notável que, neste espaço que deveria ser para expressar opiniões, também há a veiculação de discursos xenofóbicos e ameaças, como as transmitidas na edição do dia 11 de outubro a respeito do imigrante haitiano que decepou o dedo de um policial em Flores da Cunha, e sobre o roubo de um carro em Passo Fundo. Aparentemente, não há um filtro do que é levado ao ar.

Durante todas as edições analisadas, foi notada a prática de dividir as notícias mais importantes em pequenos “blocos”, mencionando-as diversas vezes durante o programa, despertando a curiosidade da audiência.

Detalhes pessoais dos envolvidos nas notícias são divulgados, como nome e idade, e em alguns casos até mesmo endereço onde os fatos aconteceram. Porém, chamou atenção ao analisar a amostragem, que em casos específicos, como na edição do dia 18 de outubro de 2015 em que, ao noticiar que um policial em horário de folga matou um assaltante, em momento algum foi mencionado o nome do policial militar, informação que obviamente o programa possuía, visto que o nome de todos os membros da família assaltada e também do assaltante foram divulgados.

A polarização do programa em direção a polícia é evidente na amostragem analisada, com base nas constantes menções a policiais, comandantes e vigilantes, aos quais o apresentador costuma mandar abraços e elogiar ações. Também em casos de homicídios – que no programa são propositalmente mencionados como execuções – em que Cidade defende a ação, em casos de bandidos mortos por policiais, mas condena, em casos civis, mesmo quando os envolvidos possuem antecedentes.

Casos de grande comoção, como o homicídio registrado em Santa Cecília do Sul, ganham desdobramento em outras edições, explorando a emoção e o sentimentalismo do ouvinte, característica do jornalismo sensacionalista (MARCONDES FILHO, 1986 apud TONDO; NEGRINI, 2009, p. 2-3). Além disso, também é notável a exploração do extraordinário e a discursividade repetitiva, violenta e trágica, apontadas por Pedroso (1983, apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14-15) como características deste viés jornalístico.

A valorização da emoção, ante a informação é comum, sendo usado em praticamente todas as notícias que envolvem homicídio do que o apresentador chama de “pessoas de bem”. Também há a presença, ainda que em menor proporção, da superdimensionalização de fatos, extrapolando o real, como no caso do homicídio anteriormente citado, em que houve exploração de elementos sugestivos, feita pelo apresentador, ao sugerir que, talvez, a vítima tivesse sido morta por algum conhecido.

A linguagem editorial do programa se assemelha a que Angrimani Sobrinho (1995, p. 40) cita como exemplo de sensacionalismo. Segundo ele, “A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação”. Revoltas programadas, em notícias que causam uma maior indignação por parte da audiência, são corriqueiras. Com isto, o ouvinte, leigo, crente que aquela reação seja sincera, se encontra envolvido emocionalmente com a história como se ele mesmo estivesse vivendo aquilo, absorve, então, para si esta emoção, esta indignação.

Outra informação que é constantemente transmitida ao público, é os detalhes referentes a crimes, principalmente homicídios. Em narrativas que se assemelham a telenovelas, Lucas Cidade conta passo a passo o desenrolar dos crimes, explicitando detalhes como número de tiros ou de facadas, descrevendo até mesmo detalhes do estrago feito na vítima.

A morte, como visto, é assunto recorrente no programa. Além disso, são comuns notícias a respeito de acidentes de trânsito, prisões efetuadas pela polícia, tráfico de drogas, estupros, e roubos de veículos. É notada, então, a presença da tríade “escândalos, sexo e sangue”, sob a qual, segundo Angrimani Sobrinho (1995, p. 19), o sensacionalismo se baseia.

Foi notada, também, a presença de manchetes que se assemelham aos *fait divers*, que são “um dos primeiros recursos editoriais para chamar a atenção e promover a diversão da audiência” (DEJAVITE, 2015, p. 1). Estas, normalmente são veiculadas na escalada, ou em chamadas breves de casos que serão debatidos no decorrer do programa.

Outro ponto importante de destacar é o teor de algumas mensagens transmitidas durante o programa. Na edição do dia 04 de outubro de 2015, por exemplo, o apresentador emite comentários a respeito da apreensão de um menor de idade, e emite comentários que incitam o medo e a indignação na população.

Já na edição do dia 11 de outubro de 2015, ao discorrer sobre a troca de tiros entre bandidos e policiais, após assaltar uma agência lotérica na cidade de Água Santa, Lucas Cidade comenta, numa clara apologia, o fato do policial ter baleado um dos bandidos. Na mesma edição, uma ameaça enviada por um ouvinte a um possível suspeito de roubar um carro foi lida no ar. Ao final, os apresentadores, em tom irônico, brincam com a situação. Depois, ao noticiar que um imigrante haitiano havia decepado o dedo de um policial, opiniões de cunho xenofóbico, enviadas pela audiência, foram lidas no ar.

Aqui, claramente é possível perceber a emissão de mensagens que, pelas características apontadas por Botelho (2012, p.294), se caracterizariam como discurso de ódio, visto que ele o define como “expressão de palavras que visam insultar, intimidar ou assediar pessoas em razão de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, possuindo, ainda, a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra certos grupos”. Comentários como estes, ditos junto a um turbilhão de emoções, causado propositalmente pelo programa, podem ter o poder de influenciar a audiência, visto que o programa conquista a confiança do ouvinte, se põe como uma ponte, e por vezes até um porta-voz das autoridades, criando laços emocionais. Desta forma, a influência sobre quem escuta é muito maior do que em outros programas que não buscam essa conexão emocional. .

Abaixo, a tabela criada pontua os elementos apontados pelos autores utilizados neste estudo como característicos do sensacionalismo, que estão presentes em todas as edições do programa. Com base nela, então, será possível ter uma noção maior da presença das características do sensacionalismo na amostragem do programa.



**Tabela 6 – Tabela com dados dos quatro programas analisados**

Característica	04/10	11/10	18/10	25/10
Notícias predominantemente focadas na tríade “escândalo, sexo e sangue”	X	X	X	X
Linguagem clichê	X	X	X	X
Presença de gírias e palavrões		X	X	X
Faz a humanização do relato	X	X	X	X
Narrativa em tom dramático	X	X	X	X
Transmite a notícia em pequenos “blocos” durante o programa	X	X	X	X
Ambivalência linguístico-semântica	X	X	X	X
Valorização da emoção em detrimento da informação	X	X	X	X
Exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional	X	X	X	X
Destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos	X	X	X	X

**Fonte:** elaborada pelo autor a partir de conceitos de Angrimani Sobrinho (1995)

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo realizado para concluir esta pesquisa, é possível afirmar que o programa “Caso de Polícia”, transmitido pela Rádio Uirapuru, faz uso do sensacionalismo como viés editorial. Durante todas as edições apresentadas foi notada a presença maciça de características descritas pelos autores ao definirem o discurso sensacionalista.

Ao analisar separadamente cada edição, foi possível notar características como a linguagem clichê, a exploração da emoção em todas as notícias que possuem um maior apelo popular, bem como um grande detalhamento a respeito dos crimes, que, com base na bibliografia utilizada, são utilizados para seduzir a audiência, satisfazendo-a, e criando ligações emocionais com a mesma. Outro ponto analisado é a preferência por mencionar casos de homicídio como “execução”, claramente numa tentativa de incitar um maior medo à população.

Além disso, o programa assume papel de autoridade, ao tomar para si a responsabilidade por receber denúncias, quando as mesmas deveriam ser feitas diretamente aos órgãos competentes, afinal, pra este fim que os mesmos foram criados.

Vale ressaltar que o policialesco assume uma postura de divulgação do nome e dados dos envolvidos em todos os fatos mencionados, mas, em alguns determinados casos, quando há envolvimento policial, os omite.

Por parte do relacionamento com as autoridades, se nota uma polarização totalmente voltada à polícia, a ponto de o apresentador, Lucas Cidade emitir um determinado ponto de vista sobre homicídio, quando cometido por bandidos, e outro, totalmente contrário, quando cometido por policiais.

Por fim, também foi detectada nas análises a presença de comentários que, ditos durante um momento de forte conexão e influencia com a audiência, podem incitar ações mal intencionadas. Algumas delas, inclusive, transmitidas ao vivo no programa, como comentários xenofóbicos a respeito dos imigrantes, enviadas por ouvintes.

Este trabalho, portanto, cumpre seu propósito de analisar o programa “Casos de Polícia”, mas pode ser visto apenas como um ponto de partida. Agora, sabe-se que, sim, o programa faz uso do sensacionalismo, criando uma ligação emocional com o ouvinte, e sim, há durante estes momentos, a veiculação de comentários que podem ser caracterizados como discurso de ódio. Cabe, agora, a possíveis trabalhos futuros na área, analisar o impacto que a

veiculação de opiniões deste cunho causa na audiência, e se, de fato, influencia na ocorrência de novos crimes de ódio.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. *Espreme que sai sangue: Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

ARAÚJO, Marcos José de. *Programas Policiais: Fenômenos de audiência no rádio*, 2003. Disponível em: <[http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3304/arquivo4569\\_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3304/arquivo4569_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 23 nov. 2015

ÁVILA, Andrei Ricardo Moraes. *Sensacionalismo: Combustível da audiência no rádio mossoroense?*, 2009. Disponível em: <[http://www.uern.br/controladepaginas/depto-comunicacao-social-producao-discente/arquivos/0301sensacionalismo\\_combustivel\\_da\\_audiencia\\_no\\_radio\\_mossoroense.pdf](http://www.uern.br/controladepaginas/depto-comunicacao-social-producao-discente/arquivos/0301sensacionalismo_combustivel_da_audiencia_no_radio_mossoroense.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BOTELHO, Marcos César. *Liberdade Religiosa, homossexualismo e discurso do ódio*, 2012. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/224/223>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

CANAVILHAS, João. *Televisão: o domínio da informação-espetáculo*, s.d. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

CARVALHO, Leonardo Morato de. *Repórter Esso – Testemunha ocular da história paulista*, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0519-1.pdf>> Acesso em: 23 nov. 2015.

CERVIERI, Clarissa Battistella. *Jornalismo Policial: Uma análise do conteúdo noticioso dos boletins policiais das rádios Uirapuru e Planalto*, 2013. Disponível em: <[http://repositorio.upf.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/302/PF2013Clarissa\\_Battistella\\_Cervieri.pdf?sequence=1](http://repositorio.upf.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/302/PF2013Clarissa_Battistella_Cervieri.pdf?sequence=1)> Acesso em 23 nov. 2015.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL BIANCO, Nélia R. *Remediação do radiojornalismo na era da informação*, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-remediacao-radiojornalismo-era-da-informacao.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

FREITAS, Riva Sobrado De; CASTRO, Matheus Felipe De. *Liberdade de expressão e discurso do ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão*, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110241/S2177-70552013000100014.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 23 nov. 2015.

G1. 'Mataram um inocente', diz viúva de homem linchado em Natal, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2015/09/mataram-um-inocente-diz-viuvade-homem-linchado-em-natal.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

GATTI, Bernadete Angelina. *Pesquisar em educação: considerações em uns pontos chaves*. Diálogo Ed., Curitiba, vol. N° 19, p.25-35, set./dez.2006.

KLÖCKNER, Luciano. A Questão do Petróleo e o Repórter Esso. *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005.

LOPES, Saint-Clair. *Comunicação - Radiodifusão hoje*. Rio de Janeiro: Temário, 1970.

LOPEZ, Debora. *Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5209/1/DeboraLopez.pdf>> Acesso em: 23 nov. 2015.

LUGÃO, Ana Luiza. *Jornalismo Sensacionalista: O programa Brasil Urgente em cena*, 2010 Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1846/2/20377680.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo: Ática, 1986.

MELÉM, Viviane de Nazaré de Oliveira. Jornalismo Policial: Uma Análise dos Critérios de Noticiabilidade do Caderno Polícia, do Jornal Diário do Pará. *Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia*. Belém, v. 1, n. 1, p. 26-50, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/download/94/91>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

NEGRINI, Michele. *A morte em horário nobre: A espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro*, 2010. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/7/TDE-2010-04-09T071049Z-2419/Publico/422409.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/7/TDE-2010-04-09T071049Z-2419/Publico/422409.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. *Revista USP*. São Paulo, n.56, dezembro/fevereiro 2002-2003.

RÁDIO UIRAPURU. *Programas*. Disponível em: <<http://rduirapuru.com.br/programas/52/>>. Acesso em 23 nov. 2015.

RÁDIO UIRAPURU. *Sobre*. Disponível em: < <http://www.rduirapuru.com.br/sobre/>>. Acesso em 23 nov. 2015.

ROLIM, Larissa Fernanda Santana. *Caso Ivanildo Jr. No programa Aqui Agora: Análise do jogo das fontes de informação e critérios de noticiabilidade*, 2011. Disponível em: <<http://jornalismo.ufma.br/wp-content/uploads/P%C3%B3s.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2015.

PACHECO, Alex Rômulo. *Jornalismo Policial Responsável*, 2005. Acesso em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pacheco-alex-jornalismo-policial-responsavel.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2015.

PEDROSO, Rosa Nívea. *A produção do Discurso de informação num Jornal Sensacionalista*. Rio de Janeiro: UFRJ/Escola de Comunicação, 1983.

PINHEIRO, Pedro Henrique. *O discurso de ódio como um limite a liberdade de expressão*, 2014. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-discurso-de-odio-como-um-limite-a-liberdade-de-expressao/119504/>>. Acesso em 23 nov. 2015.

SAES NETO, Saulo de Assis. *Radiojornalismo e emissoras AM: linguagem, público-alvo e digitalização*, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0288-1.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2015.

SOUSA, Marquilandes Borges de. *Rádio e propaganda Política: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. *Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo*, 2009. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0604-1.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. Jornalismo televisivo e espetacularização: Uma análise do discurso do programa Brasil Urgente. *Disciplinarum Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação*, S. Maria, v. 7, n. 1, p. 35-43, 2006.